

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 258/2013

VENEZUELA PÓS-CHÁVEZ

O Centro Celso Furtado realizou na semana passada um seminário de discussão sobre a Venezuela dos próximos anos. Rico de informações que são escandalosamente escondidas e distorcidas pela nossa mídia, que se pauta pela mídia americana, as quatro mesas de debates que se estenderam por todo o dia levaram à conclusão esperada de que não é possível prever com nenhuma segurança o desempenho do governo Maduro que se instala após a morte do grande líder Hugo Chávez.

Líderes políticos são figuras muito raras, pelo conjunto de qualidades e talentos que devem ter, desde as de inteligência e fina sensibilidade, passando pela experiência de vida e chegando à presteza das boas respostas, ao senso de humor e ao carisma dos gestos e da figura física. Frequentemente ocorre na política que os líderes que têm essa abundância de qualidades naturalmente abafam os rebentos de liderança que medram ao seu lado. Lula procurou fugir desta tendência e, deliberadamente, deu espaço e impulsionou novas lideranças, como fez com Dilma Rousseff, Fernando Haddad, e Lindbergh Farias e, ainda, tentativamente, com Márcio Pochmann. Não precisou alavancar José Dirceu que já possuía as qualidades mas se perdeu no emaranhado da selva política.

Hugo Chávez não cuidou de sua sucessão nem da renovação de lideranças no Bolivarianismo. Nicolás Maduro findou escolhido pela sua honradez e lealdade mas, obviamente, sem todas as qualidades exigidas para uma liderança em momento tão difícil como este em que seu país se encontra.

Por que o momento é tão difícil?

É difícil economicamente porque, ao lado das inegáveis e extraordinárias realizações de Chávez na educação, da saúde, na distribuição de renda e na assistência social das “misiones”, foi pouco, ou quase nenhum, o avanço que conseguiu na diversificação da economia venezuelana, que continua numa excessiva e doentia dependência do petróleo. Foi expressivo o crescimento dos resultados da PDVESA na prospecção e na produção de óleo e gás: a Venezuela é hoje o país que detém as maiores reservas de hidrocarburetos em todo o mundo. Mas foi inexpressivo o crescimento dos outros setores produtivos, especialmente da indústria. Não que não tivesse sido tentada essa diversificação, que teve até uma colaboração importante do Brasil, na agricultura, com algum resultado, através da EMBRAPA; mas a estrutura empresarial venezuelana, completamente inexperiente e desligada de qualquer outra atividade que não o comércio de importação resultante das receitas abundantes do petróleo, não respondeu minimamente aos esforços e incentivos governamentais. Assim, qualquer redução dos preços internacionais do petróleo, como vem ocorrendo nos últimos anos, pode ser calamitoso para a economia do país e para o seguimento dos programas sociais.

É difícil a situação também politicamente, e muito, porque a oposição das elites tradicionais, que detêm o poder econômico, encontrou em Henrique Capriles um líder eticamente fraco mas eleitoralmente, carismaticamente, forte. E, muito mais importante ainda, seus poderosos aliados externos acharam que é hora de apertar o cerco: o não reconhecimento da eleição de Maduro pelos Estados Unidos é uma declaração de guerra ao novo governo; e ninguém ignora o poder desestabilizador da grande potência do Norte.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 258/2013

O Governo Venezuelano tem aliados externos importantes: na UNASUL (o Brasil em particular), e na China, que precisa estrategicamente do petróleo venezuelano e desenvolveu fortes relações econômicas e políticas com a América do Sul nos últimos anos. São entretanto aliados recentes, que não têm ligações históricas e entrelaçamentos importantes na sociedade e na política venezuelana. Nicolás Maduro fez sensatamente sua primeira visita como Presidente aos países parceiros do Mercosul, na esperança de obter participação empresarial para alavancar a decisiva diversificação econômica. A iniciativa é positiva; os resultados não se podem adiantar.

E é de registrar-se que o Bolivarianismo tem também um forte aliado interno que é o Exército. Mas os mestres do Golpe, nós conhecemos, têm saber e habilidades, têm experiência e meios de lidar com Forças Armadas dos países que querem desestabilizar, dividindo-as perigosamente para a nação.

Enfim, há razões para preocupação com o destino da nação irmã, tão importante para o nosso. A situação não é tão grave quanto a mídia apregoa diariamente, mas parece claro que há um golpe projetado para derrubar o Governo.

É isso. Mas tenho de interromper a finalização do artigo para ovacionar a eleição de Roberto Azevêdo para a direção geral da Organização Mundial do Comércio. Trata-se de uma vitória do desenvolvimentismo contra o neoliberalismo; de uma vitória da América do Sul, da África e da Ásia contra o velho poder econômico da América do Norte e a Europa; trata-se da vitória de uma nova ordem internacional que vai surgindo sob a liderança colegiada dos BRICS. Trata-se, enfim, de uma importante vitória do novo prestígio mundial do Brasil e do Governo Dilma Rousseff com o Ministro Patriota; uma vitória da nova política externa inaugurada no Governo Lula com o grande Ministro Celso Amorim. Pretendo comentar mais posteriormente.

Bem, peço desculpas mas ainda não posso fechar este Correio sem uma referência também à bela, limpa e merecida conquista do Botafogo: o Campeonato Estadual, vencendo todas as partidas do segundo turno, sem perder nenhum ponto, e abrindo o rumo para o Campeonato Nacional. O Glorioso, mais uma vez. Viva!

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br